

## Vertigem

### Author(s):

[Miguel Portas](#) <sup>[1]</sup>

### Show Author Info?:

0

Mesmo os que esperavam um grande protesto se surpreenderam com a dimensão das manifestações do passado dia 12 de Março. 200 a 300 mil pessoas de todas as gerações e credos quiseram dizer a si próprias que ninguém tem que estar à rasca sozinho.

Sem o cansaço e o descontentamento provocados pelas políticas de austeridade dos últimos anos não se compreende o sucesso dessa fantástica mobilização. Mas houve algo mais, qualquer coisa que está para lá da palavra "basta" e que toca as profundezas da existência. Com efeito, aquela multidão não se imaginava, sequer, como tal. Declinou esse "basta" de mil modos diferentes, trazendo para as ruas os seus desabafos e humores em papeis improvisados. A multidão correu em grande número porque se quis medir enquanto povo. O poder, qualquer que ele seja ou venha a ser em resultado de eleições antecipadas, está obrigado a ouvir. Porque a 12 de Março, o povo celebrou-se e redescobriu-se como soberano. Mas não é certo que não se lhe esgote a paciência.

A segunda reflexão que esse sábado excepcional suscita parte da constatação de que muitos saíram à rua pela primeira vez ou pela primeira vez em muitos anos, exactamente porque intuíram ser aquele o momento e a circunstância em que se poderiam afirmar como povo sem mediação, para lá dos partidos, sindicatos e associações. Pairou por aquelas manifestações um "não sei quê" a 25 de Abril, que para uns foi nascimento e para outros reavistação, que associa a carradas de imaginação e toneladas de dádiva e solidariedade. Os que, como eu, acreditam que o partido e o sindicato são instrumentos de cidadania e não meras máquinas de emprego e influência, estão obrigados a reflectir seriamente sobre os seus próprios limites.

Essa reflexão é tanto mais oportuna quanto é evidente que a anti-política, o anti-parlamentarismo e o anti-partidarismo também marcaram presença, mas não foram hegemónicos nas manifestações. A grande maioria das pessoas que desceu às ruas fê-lo pelas razões da sua própria experiência da crise e em linha com o manifesto dos promotores. O 12 de Março não foi um "dia da ira", um grito de revolta em formato desesperado. Também não sabemos se foi o primeiro dia de um "levantamento nacional". Dele apenas se pode dizer que define um antes e um depois. A crise política em que o país entretanto mergulhou cruzar-se-á não apenas com uma vertiginosa aceleração do protesto social, mas também com uma opinião pública muito mais atenta e exigente. Até 12 de Março, a crise oprimia e deprimia; a partir de 12 de Março, a crise é simplesmente o chão que a gente pisa. Quem julgue que tudo está escrito, desengane-se. Tudo se está, de novo, a escrever.

### **Sumário da Home:**

A partir de 12 de Março, a crise é simplesmente o chão que a gente pisa. Quem julgue que tudo está escrito, desengane-se. Tudo se está, de novo, a escrever.

### **Lead:**

A partir de 12 de Março, a crise é simplesmente o chão que a gente pisa. Quem julgue que tudo está escrito, desengane-se. Tudo se está, de novo, a escrever.

### **Sobre o/a autor(a):**

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogsfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

---

**URL de origem:** <http://www.esquerda.net/opiniao/vertigem>

### **Ligações:**

[1] <http://www.esquerda.net/node/15>